



Um Ponto fora da curva¹

Nivalde de Castro²

Bianca de Magalhães de Castro³

A crise e a estagnação da economia brasileira mostram-se bem mais resistente do que o previsto. O advento de um novo governo de cunho liberal deveria ser um “divisor de águas” na dinâmica econômica e esperava-se uma retomada do crescimento econômico através da ocupação da capacidade ociosa e do vasto exército de mão-de-obra desempregada e disponível.

No entanto, passado o primeiro quadrimestre, a realidade tem se mostrado bem mais complexa. A falta de experiência e de capacidade de articulação política do governo no Congresso, associada a posições e discursos de cunho ideológico confusos e estéreis, vem queimando o cacife político e, o mais preocupante, revertendo e minando as expectativas dos principais agentes econômicos nacionais e internacionais, o que agrava o cenário de crise econômica.

Como resultante deste processo político, as estimativas de crescimento do PIB estão sendo revistas para baixo pelas principais instituições e organismos econômicos. Neste contexto complexo e preocupante que impacta o Brasil, o Setor Elétrico Brasileiro (SEB) continua a ser um ponto fora da curva de crise econômica. Como explicar esta diferenciação? Este é o objetivo central das poucas linhas que se seguem. Inicialmente, faz-se necessária a caracterização econômica deste setor de infraestrutura, com destaque para:

- i. Ser intensivo em capital;
- ii. Possuir longo prazo de maturação dos investimentos;
- iii. Possuir forte regulação econômica; e
- iv. Ter de custos afundados.

A estruturação de uma política econômica para conjugar, de forma harmoniosa, estas características em um país em desenvolvimento com as grandes dimensões econômicas, territoriais e demográficas foi, sem dúvida, um dos maiores êxitos recentes, devido, em grande parte, à experiência e competência construída e

¹ Este artigo foi publicado pelo serviço de informação Broadcast da Agência Estado de São Paulo, em 8 de maio de 2019.

² Professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do GESEL- Grupo de Estudos do Setor Elétrico.

³ Pesquisadora do GESEL

acumulada pelo setor elétrico, desde meados da década de 1950, tendo como origem a construção de Furnas e o financiamento do BNDE.

Neste sentido, destaca-se que o modelo atual que viabiliza a expansão da capacidade de geração e transmissão está assentado nos seguintes fundamentos. O primeiro são os estudos de previsão da demanda e da oferta, que fundamentam o planejamento da expansão através da EPE (Empresa de Pesquisa Energética). O segundo é um consistente marco regulatório, sob responsabilidade direta e imparcial da ANEEL, que garante a remuneração dos investimentos realizados em toda a cadeia produtiva, inclusive na distribuição, segmento em que prevalece uma estrutura de mercado de monopólio natural.

Em terceiro, a realização regular de leilões para ampliar a capacidade de geração de energia elétrica e das linhas de transmissão, conectando as novas fontes de energia com os mercados consumidores, desafio complexo em função da dimensão continental do Brasil.

Dois exemplos atestam e configuram a característica sólida do modelo de expansão. O primeiro encontra-se nos dados disponibilizados pela EPE sobre o interesse de agentes econômicos em relação ao próximo leilão de geração, que irá contratar novas plantas para iniciarem a produção de energia elétrica em 2023, chamado leilão de A-4, a ser realizado no próximo dia 28 de junho. Foram cadastrados 1.581 projetos, totalizando mais de 51 GW de capacidade instalada, sendo 26 GW de fotovoltaica e 21 GW de energia eólica. Esta quantidade de oferta está sendo dada em um cenário de baixo crescimento da demanda, derivada da crise econômica em curso. Em suma, uma oferta nitidamente superior à demanda.

O segundo exemplo é no segmento de transmissão, chamado de investimento tipo “caderneta de poupança” do SEB, em função do baixíssimo risco. Nota-se que os leilões anuais que estão sendo realizados e já previstos até 2021 envolvem volumes muito expressivos de investimentos. Os resultados indicam uma competição acirrada que tem determinado descontos (deságios) em relação à receita anual teto indicada para cada lote. Por outro lado, criou-se um mercado secundário, muito ativo, para linhas de transmissão em funcionamento, quando o risco da construção é eliminado. Este mercado secundário é um indicador claro e objetivo de que, também no segmento de transmissão, existem muitos agentes interessados, superando a demanda, o que ocasiona deságios.

Nestes termos e a título de conclusão, o SEB é, entre todos os setores de infraestrutura, um ponto fora da curva, uma vez que não há muito do que se preocupar em relação à capacidade de atrair investimentos para garantir o equilíbrio dinâmico entre a demanda e a oferta de energia elétrica. As expectativas negativas em relação à economia brasileira, não estão contaminando o SEB.